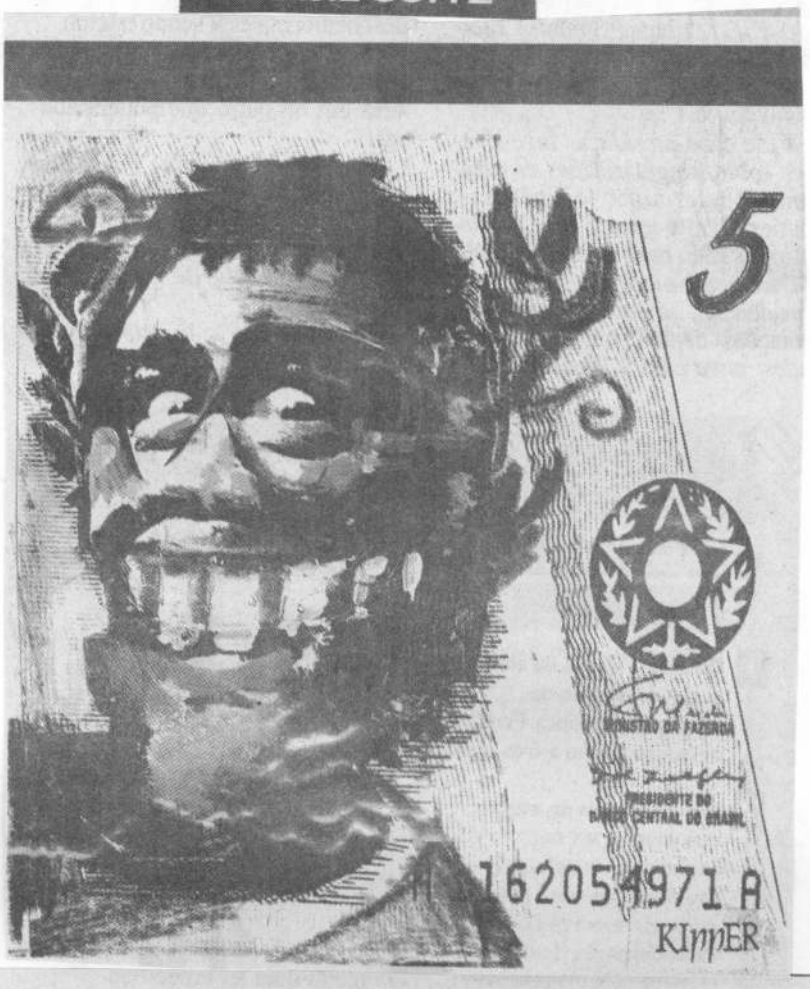
FPF-PTPF-07-0069

BRASIL COM Z



A japonização do momento brasileiro

MICHAEL KEPP
Especial para a **Folha**

Um governo fortemente intervencionista na economia, uma moeda mais forte que o dólar, estabilidade combinada com altos preços, um consumo bem disciplinado, e quedas ministeriais surpreendentes. Eu poderia estar falando do Japão, mas esse cenário é do Brasil de hoje.

Nunca uma moeda brasileira se orgulhou tanto internacionalmente. Os brasileiros no exterior ganharam um poder aquisitivo sem precedentes. Reais, em breve, estarão disponíveis nas filiais do Banco do Brasil de Nova York a Tóquio. Finalmente uma moeda brasileira de Primeiro Mundo!

O Plano Real, japonizador desse momento especial, explica também a elevação repentina de FHC nas pesquisas. Mas como é possível que uma inflação baixa —efeito imediato do Plano Real— justifique sozinha o salto de FHC? A comemoração dos preços estáveis não apaga as queixas frequentes que os preços, em relação aos salários, nunca foram tão altos.

Uma resposta: a maneira com que FHC revelou o Plano Real ajudou a disparar seus índices, além de revestir a nova moeda de um indisfarçável toque japonês.

Metódico como um oriental, FHC vagarosamente acostumou as pessoas ao Plano Real, através de bem calculadas etapas —o Fundo Social de Emergência e a URV— que granjearam a confiança popular.

Esse posicionamento é importante na criação de um clima favorável. Lembrem como a surpresa do confisco de Collor fez o clima de "República da Banana" voltar da noite para o dia.

Quando o efeito do choque passou, Collor fez o momento parecer prussiano, através da força de sua imperial e eurocêntrica personalidade. Ele moldou essa "persona" teatral para satisfazer as aspirações primeiro-mundistas do público. A popularidade resultante ajuda a explicar por que, mesmo depois do confisco, o Plano Collor recebeu aprovação quase que geral.

O apoio ao Plano Collor também foi inflado pela tradicional esperança do povo brasileiro. FHC, como todos os antecessores, pegou carona nesse sentimento e promove o Plano Real como o início de uma nova era. Lula, tentando despertar um ceticismo adormecido nos brasileiros, chamou o plano de ilusório. Mas, um público surdo, espelhando em Lula sua própria imagem pouco lisonjeira, parece preferir a terra prometida por FHC, como já havia feito com Collor. Paulo Freire e a telenovela explicam.

Quanto tempo esse clima japonês vai durar é um palpite subjetivo. Principalmente, levando-se em conta o passado econômico recente e as vicissitudes de um ano eleitoral no país agora dotado de parabólicas.

E sem esquecer as pedras no caminho do plano: possíveis greves e a falta de reforma fiscal, tributária e partidária e patrimonial (privatizações), só para começar.

É difícil dizer em que lugar do mapa o próximo momento vai colocar esse povo e quantos fusos horários psico-geográficos terá que cruzar. Aviso para o leitor-viajante: na chegada você vai ficar meio atordoado.

Michael Kepp mora há 11 anos no Brasil e é correspondente do jornal dominical The Observer, de Londres, e do Fairchild Publications.